

Parada  
16 de Outubro de 2011

Pároco  
Senhora Presidente da Câmara Municipal de Alfândega da Fé  
Presidente da Junta de Freguesia de Parada  
Padres, Diácono  
Religiosos (as)  
Família  
Amigos  
Irmãos e irmãs

Deus não é um César grande.  
Deus é servo de todos por amor

Uma pergunta tipo ratoeira, feita só para criar divisão: «é lícito ou não pagar o imposto a Roma?», isto é ao inimigo. E Jesus que queria acabar com o conceito de inimigo. Claro que temos de pagar os impostos ao estado. É um dever dos cidadãos. Todavia, o Evangelho concentra-nos noutra dimensão além da simples resposta de Jesus. Vejamos então, se tivéssemos a possibilidade de ter uma moeda romana perceberíamos logo que a cara do imperador não era uma simples homenagem ao imperador, mas indicava a propriedade. O imperador era o proprietário daquele ouro que a pessoa tinha nas mãos e a pessoa era apenas proprietário temporário. A inscrição sobre a moeda dizia «ao divino César» o «ao Deus César». Imediatamente Jesus quer dizer que César não é Deus. «Dai a Deus o que é de Deus». A César damos as coisas, a Deus damos o coração. A Deus não damos coisas, damo-nos a nós próprios.

Todo e qualquer poder humano é dito: Não te apropries do homem. Para Jesus Deus não é o poder acima de qualquer poder, Deus é amor. Não é o dono das vidas mas é o servidor dos vivos. Não é um César maior que os outros Césares, mas um servo que sofre por amor. É mais fácil cumprir com César do que com Deus. A relação com os “Césares” fica-se apenas numa relação exterior. Neste caso com o imposto a César fica tudo resolvido. Não é necessária uma afinidade. Dar a César não nos relaciona com César. Mas, dar a Deus o que é de Deus implica uma relação directa que não acaba com a entrega de um tributo. Alguns crêem que Deus se contenta com exterioridades, pias devoções, esmolas e velas. Mas Ele deseja uma relação filial, como com o seu Filho Jesus, num diálogo, numa presença e numa partilha de vida. Jesus não usa o verbo pagar e emprega um verbo que não quer dizer apenas «dai», mas «restituí», «redai de volta». Porque nada do que tens é teu, de nada és proprietário, a não ser do teu coração. És filho de um dom, que existe antes de ti e vai além de ti. Tu, és um talento de ouro, dom que traz cunhada a imagem de Deus e, por isso, deves restituir a Deus a ti mesmo.

Muito obrigado pelo vosso acolhimento nesta terra dos meus pais e minha desde os oito anos de idade. Estou também eu em débito para com Deus e para convosco, pais, irmãos, tios, primos, amigos, colegas de escola, professores,

catequistas, párocos, história, cultura, trabalho, educação. A nossa vida é um tecido de débitos, um rosário de dádivas gratuitas. E há tanto amor a restituir, tanta amizade, esperança a devolver! É urgente aprender a cultura do dar. A vida é, num encontro aberto, a síntese de duas alianças e dois amores, de dádivas e de débitos. E foi no alto da cruz que a reposta foi cunhada com a vida, assinada com o sangue.

Erasmus de Roterdão (1466-1536), escreveu: «a pátria é primeiro o país natal, depois a pátria de acolhimento e, por último, e sobretudo, o mundo cristão, a Europa, a “República das letras” e a humanidade inteira, enquanto espera a pátria celeste». Todavia, «o universal é o local sem paredes. É o autêntico que pode ser visto de todos os lados, e em todos os lados está certo, como a verdade»<sup>1</sup>.

O Beato D. Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga e ao tempo das terras do Sul da nossa amada Diocese escreveu: «três coisas se requerem no prelado: 1ª – *pureza de intenção*, que consiste nisto: desejar mais servir que presidir; procurar em tudo não a honra, não a própria comodidade, mas a pura vontade de Deus e a salvação das almas; 2ª – *conversão santa e irrepreensível*, para que de nenhum modo se possa objectar-lhe: médico, cura-te a ti mesmo; 3ª – *humildade interior e sincera*, para que não presuma interiormente ou se glorie da própria santidade, como usurpador e ladrão da glória que só a Deus é devida, em quem deve confiar e de quem deve depender»<sup>2</sup>. É um programa que abre à coragem da esperança.

«Como quer que sejamos, que a vossa esperança não esteja posta em nós: se formos bons, somos ministros; se formos maus, ministros somos. Mas só se formos ministros bons e fiéis, é que seremos verdadeiramente ministros»<sup>3</sup>. A Igreja coloca-se numa atitude de serviço, que não impõe a fé, mas solicita a coragem pela verdade. «O Bispo torna-se “pai”, exactamente porque é plenamente “filho” da Igreja»<sup>4</sup>. A própria vida diz-nos que nem todos podemos ser pais, mas todos somos filhos...na confiança, qual dom de Deus. «Confiança, com efeito, é o nome infinitamente nobre que o amor assume neste mundo, quando a fé e a esperança se unem para permitir-lhe de nascer»<sup>5</sup>.

Concluo com a exortação da segunda leitura e peço-vos que continueis firmes na fé, alegres na esperança e generosos na caridade.

+ José Manuel Cordeiro

---

<sup>1</sup> M. TORGA, Traço de União, 69.

<sup>2</sup> BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, *Stimulus pastorum*.

<sup>3</sup> S. AGOSTINHO, *Sermo 340/A*, 9.

<sup>4</sup> J. PAULO II, Pastores Gregis 10.

<sup>5</sup> CHRISTIAN DE CHERGÉ E ALTRI MONACI DI TIBHIRINE, *Più forti dell'odio*, Edizioni Qiqajon, Comunità di Bose, 2010, 91.